

---

## DO SONHO DOS ESTUDANTES E TRABALHADORES AO PRIMEIRO ENCONTRO COM AS URNAS: A FORMAÇÃO DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT) EM DOURADOS (MS) (1979-1982)

---

FROM THE DREAM OF STUDENTS AND WORKERS TO THE FIRST ENCOUNTER WITH THE BALLOT BOX: the formation of the Workers' Party (PT) in Dourados (MS) (1979-1982)

DEL SUEÑO DE ESTUDIANTES Y TRABAJADORES AL PRIMER ENCUENTRO CON LAS URNAS: la formación del Partido de los Trabajadores (PT) en Dourados (MS) (1979-1982)

**Giovani Butarelli<sup>1</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/0912281071840368>  
<https://orcid.org/0000-0003-4214-0637>

**Marcos Antonio da Silva<sup>2</sup>**

<http://lattes.cnpq.br/8590672637571334>  
<https://orcid.org/0000-0003-1196-2814>

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar a formação do Partido dos Trabalhadores em Dourados (MS), a segunda maior cidade do estado, entre o período de 1978 e 1982, destacando a dinâmica inicial e os principais grupos que participaram de tal processo. Para tanto, procura discutir o contexto do fim da ditadura militar e da transição política brasileira, com a emergência do multipartidarismo e a novidade que representou o PT no quadro político-partidário brasileiro. Em seguida, discutimos a formação do PT a partir da análise dos grupos constituintes em que se destacaram: sindicalistas, militantes progressistas católicos, intelectuais, políticos progressistas e militantes de organizações que haviam combatido a ditadura militar. Por fim, procuramos relacionar os elementos acima a formação e desenvolvimento inicial do PT em Dourados até o primeiro embate eleitoral, destacando que tal processo foi conduzido por lideranças estudantis.

**Palavras-Chave:** Partidos Políticos; Transição Política; Partido dos Trabalhadores; Elites agrárias; Movimento estudantil.

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Graduado em Matemática pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e Sociologia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). E-mail: [giovani.butarelli@gmail.com](mailto:giovani.butarelli@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Estudos sobre a Integração da América Latina (PROLAM/USP). Professor do Programa de Pós-graduação em Sociologia (PPGS) e do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Foi membro do Laboratório Interdisciplinar de Estudos sobre a América Latina (LIAL). Email: [marcossilva@ufgd.edu.br](mailto:marcossilva@ufgd.edu.br)

**ABSTRACT:** This work intends to analyze the formation of the Workers' Party in Dourados (MS), the second largest city in the state, between the period 1978 and 1982, highlighting the initial dynamics and the main groups that participated in this process. To this end, it seeks to discuss the context of the end of the military dictatorship and the Brazilian political transition, with the emergence of multipartyism and the novelty that the PT represented in the Brazilian political-party framework. Next, we discuss the formation of the PT based on the analysis of the constituent groups in which they stood out: trade unionists, progressive Catholic activists, intellectuals, progressive politicians and activists from organizations that had fought the military dictatorship. Finally, we seek to relate the above elements to the formation and initial development of the PT in Dourados until the first electoral clash, highlighting that this process was led by student leaders.

**Keywords:** Political Parties; Political Transition; Workers' Party; Agrarian elites; Student movement.

**RESUMEN:** Este trabajo pretende analizar la formación del Partido de los Trabajadores en Dourados (MS), segunda ciudad del estado, entre 1978 y 1982, destacando la dinámica inicial y los principales grupos que participaron de ese proceso. Para ello, busca discutir el contexto del fin de la dictadura militar y la transición política brasileña, con el surgimiento del multipartidismo y la novedad que representó el PT en el marco de los partidos políticos brasileños. A continuación, discutimos la formación del PT a partir del análisis de los grupos constituyentes en los que se destacó: sindicalistas, activistas católicos progresistas, intelectuales, políticos progresistas y activistas de organizaciones que habían combatido la dictadura militar. Finalmente, buscamos relacionar los elementos anteriores con la formación y desarrollo inicial del PT en Dourados hasta el primer choque electoral, destacando que este proceso fue liderado por líderes estudiantiles.

**Palabras-Clave:** Partidos Políticos; Transición Política; Partido de los Trabajadores; Élités agrarias; Movimiento estudiantil.

## INTRODUÇÃO

O Partido dos Trabalhadores (PT) é, sem dúvida, um dos principais partidos políticos brasileiros e embora tenha sido objeto de inúmeras análises e reflexões, ainda necessita de novos estudos que enfoquem novas dimensões, temas ou agendas de sua formação, organização e de sua trajetória histórica e política, suas metamorfoses, dilemas e desafios, bem como de sua dinâmica organizativa nacional e local.

Neste sentido, vale observar que dentre os partidos brasileiros registrados no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que se formaram no contexto da redemocratização, o PT emerge como “Uma associação voluntária de cidadãos e cidadãs que se propõe a lutar por democracia, pluralidade, solidariedade, transformações políticas, sociais, institucionais, econômicas, jurídicas e culturais, destinadas a eliminar a exploração, a dominação, a opressão, a desigualdade, a injustiça e a miséria, com o objetivo de construir o socialismo democrático” (PT, 2017, p. 3)<sup>3</sup>.

Desde sua formação, o partido tem chamado a atenção da comunidade acadêmica, como destaca Ribeiro (2008) dentre outros, seja pelo seu desempenho eleitoral e apoio popular. Da mesma forma, Menegozzo (2004; 2013) aponta que, entre 1978 a 2002, é possível catalogar mais de 1200 obras que envolvem o partido de forma direta ou indireta, e, além disto, reitera com Menegozzo, Maciel e Silva que: “muitas destas têm abordado obras dedicadas de modo geral à história do PT e a uma avaliação de seu ideário político, estudos dedicados às experiências administrativas do partido, bem como biografias de petistas de destaque nacional” (MENEGOZZO, MACIEL e SILVA, 2011, p. 226).

A partir disto, Menegozzo (2004) sugere que os estudos e debates sobre o PT podem ser distribuídos em oito temáticas centrais: a formação histórica do PT (concentrado nos anos 1980); a formação do PT em algumas regiões do país; os governos petistas (concentrados nos anos 1990); as experiências parlamentares; a política organizativa do partido; a relação entre o PT e movimentos sociais; a experiência eleitoral, comunicacional e o projeto político. Além disto, o autor organiza tais pesquisas em quatro gerações, sendo que a primeira, enfatiza a originalidade histórica do partido no cenário político brasileiro.

É importante ressaltar duas contribuições que são imprescindíveis para compreender a formação e a dinâmica inicial do partido, assim como sua relação intrínseca com a redemocratização do país, que são os trabalhos de Meneguello (1989) e Keck (1991) que destacam o partido como uma novidade e uma anomalia no sistema partidário brasileiro. Para Meneguello (1989), a novidade se deu em razão da formação de um partido de massa<sup>4</sup>, da

---

<sup>3</sup> O Estatuto do Partido dos Trabalhadores (PT) está disponível em: <https://pt.org.br/wp-content/uploads/2018/03/estatuto-pt-2012-versao-final-alterada-junho-2017.pdf>

<sup>4</sup> Meneguello (1989) se baseia nos estudos de Maurice Duverger para afirmar que o PT é um partido de massa. Para isso, a autora descreve as características que Duverger (1980, p. 26-31) definiu como sendo as de um partido de massa: “a) origem extraparlamentar; b) organização interna de alta intensidade; c) forte articulação estrutural entre as instâncias partidárias; c) centralização nacional; d) rigorosos requisitos de filiação; e) financiamento compartilhado entre os membros do partido; f) forte doutrinário; g) subordinação dos parlamentares ao partido” (MENEGUELLO, 1989, p. 33 - 34).

classe trabalhadora, criado de baixo para cima que deu voz a grupos que se opunham ao regime político no final da década de 1970. Tal história é considerada uma anomalia justamente por ser diferente de todos os outros partidos criados nos anos 80, afinal, o PT não recebeu o apoio do Estado e foi solidificado nos movimentos sociais e no meio operário. Por fim, abordagens de Sader (1987), Singer (2001), Ribeiro (2004) e, mais recentemente, de Secco (2018) e Barros (2022), dentre outros, discutem a trajetória do partido até a atualidade, procurando compreender sua dinâmica, transformações e desafios frente ao novo contexto nacional.

A partir de tais obras, destacamos que em sua gênese, o PT foi resultado da confluência de, pelo menos, cinco grupos fundamentais: o novo sindicalismo do ABC paulista e as novas lideranças sindicais que emergiam pelo país, as comunidades ligadas a ala progressista da igreja católica e militantes de movimentos sociais, os intelectuais, os políticos de outros partidos e os exilados políticos que retornavam para o Brasil e suas inúmeras organizações (MENEGUELLO, 1989; KECK, 1991; BARROS, 2022; SECCO, 2018; RIBEIRO, 2008; MARTINEZ, 2007).

Após seu lançamento oficial em São Paulo, o partido procurou se nacionalizar, fundando diretórios em todos os estados e municípios do país e procurando desenvolver um projeto político que conduziu sua principal liderança, Lula, a presidência da república (GONÇALVES, 2022). Todavia, a formação e a dinâmica inicial do partido nos diferentes estados e municípios não se deram de forma homogênea ou sob a hegemonia dos mesmos grupos (SECCO, 2018; AZEVEDO, 1995; BRAGA, 1997; VENUTO, 2017), assim como também apontam os trabalhos locais de Oliveira Thomas (2018), sobre o PT em Cuiabá (MT), Silva e Gonçalves (2022) sobre sua formação em Ponta Grossa (PR) ou de Hilário (2006) sobre o caso de Londrina (PR), para citar alguns exemplos.

Diante disto, este trabalho tem como objetivo analisar a formação e a dinâmica inicial do PT em Dourados (MS), segunda maior cidade de Mato Grosso do Sul, procurando compreender os grupos formadores e a organização política do partido, entre 1978 e 1982, quando disputou sua primeira eleição na cidade. Para tanto, utilizamos como recursos metodológicos a revisão histórica da gênese partidária no cenário nacional, análise documental do arquivo partidário local e, por fim, entrevistas semiestruturadas realizadas com alguns fundadores do PT municipal e que disputaram o pleito eleitoral de 1982.

Além desta introdução e conclusão, o texto está organizado da seguinte forma: na primeira seção discutimos a luta pela redemocratização do país e a formação do PT,

analisando a transição política e a emergência do multipartidarismo destacando a novidade que representou tal partido no sistema partidário brasileiro. Na segunda, discutimos tal processo a partir da análise dos grupos que foram fundamentais para a organização do partido e sua emergência na política brasileira. Por fim, analisamos a formação e a dinâmica inicial do PT em Dourados, discutindo como atuaram os grupos constituintes e a importância das lideranças estudantis em tal processo.

## **A LUTA PELA REDEMOCRATIZAÇÃO A PARTIR DOS TRABALHADORES: UMA ANÁLISE POLÍTICO-INSTITUCIONAL**

Para compreensão da dimensão político-institucional, é preciso descrever que em março de 1964, foi instituída no Brasil uma ditadura militar que derrubou João Goulart e derrotou o projeto político que o líder trabalhista encarnava (REIS FILHO, 2005). Além dos militares, a ditadura contou com o apoio de civis e, sobre estes, Fico (2014), Moraes (2000) e Teixeira (2003) citam empresários, a parte conservadora da igreja católica, alguns governadores de estado e, sem dúvida, os Estados Unidos da América que incentivou todas as ditaduras militares na América Latina no contexto da Guerra Fria e da disputa com União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Após o golpe, que encerrou a experiência republicana iniciada com o fim do Estado Novo, as ações e atos dos militares reprimiram duramente as lutas populares, cassaram e prenderam inúmeras autoridades e lideranças, mudaram o sistema político e causaram uma ofensiva do regime autoritário contra as organizações de esquerda<sup>5</sup>, através dos atos institucionais. Neste sentido, Castelo Branco proclamou, em 1965, o Ato Institucional n.º 2, que extinguiu, em seu artigo 18, os partidos políticos, com o cancelamento dos respectivos registros. Meses depois, foram organizados, de forma arbitrária, os dois partidos que dividiram a cenário político brasileiro nos anos seguintes: o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), oposição, e a Aliança Renovadora Nacional (Arena), governista.

Diante desta e de outras atitudes autoritárias e repressivas dos militares, vários civis se organizaram em grupos e decidiram pelo enfrentamento ao regime militar, porém, sofreram

---

<sup>5</sup> Dentre estas, Montenegro (2011) cita o Partido Comunista Brasileiro, a Organização Revolucionária Marxista-Política Operária, as organizações guerrilheiras VAR-Palmares e POC e a Ação Libertadora Nacional, a qual foi formada sob a direção do ex-deputado constituinte Carlos Marighella e de Joaquim Câmara Ferreira dentre outras. Tais organizações também são elencadas por Silva Scharf (2013). Por outro lado, Ridenti (1990) aborda a luta das mulheres contra a ditadura. Já Maciel (2003) relata especificamente as ações e repressões sofridas pela Vanguarda Popular Revolucionária (VPR).

duras repressões, cujo auge se deu no governo Médici (1969 a 1974) (SILVA SCHARF, 2013). A nação estava submetida ao AI-5, o qual proibiu o habeas corpus, a liberdade de expressão e decretou uma férrea censura prévia à imprensa e às demais manifestações políticas, além disso, quem cometesse crimes contra a Segurança Nacional seriam julgados pela justiça militar (CENTENO, 2014; MACIEL, 2003). Muitos foram torturados, outros obrigados a deixarem o país e alguns que haviam aderido à luta armada, pagaram com a própria vida. Fico (2019) aponta que “a eficácia da repressão se deu não só à sua violência, como também à montagem de um complexo sistema de espionagem: liderado pelo temido Serviço Nacional de Informações, contava com órgão de informação em todo o país. A infiltração de seus agentes nos grupos de esquerda foi um recurso frequentemente usado” (Fico, 2019, p. 162).

A enorme repressão levou ao fim a maioria das organizações de enfrentamento aos militares, entretanto, seus membros não foram os únicos a sofrerem repressões, pois esta alcançou setores da arte e da cultura, da educação e outras áreas também através da censura (RIDENTI, 2018). Por outro lado, o governo negava seus atos de terror naqueles anos conhecidos como “anos de chumbo”<sup>6</sup> e procurava passar a imagem de que o país vivia um progresso econômico, tanto é que em 1971, instituiu o Primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento, o qual ocasionou grande crescimento do PIB (GENTILI, 2004).

Já em 1974, tomou posse o general Ernesto Geisel prometendo distensão lenta, gradual e segura e segundo Barros: “era um plano para o início da transição para a democracia, porém, a ênfase estava no lenta” (Barros, 2022, p. 38). O governo tinha como projeto a abertura política, mas não necessariamente retirar os militares e seus aliados do poder. Contudo, o MDB ganhou forças nas eleições de 1974 e no ano seguinte, surgiram manifestações como a Campanha da Anistia, liderada por mulheres e mãe de exilados, presos políticos e desaparecidos (BACHA, 2019).

Nos anos finais da década, pouco a pouco a resistência democrática e as manifestações sociais seriam os meios de oposição contra o atual governo. Era o reavivamento das lutas sociais e políticas contra um governo que implantava legislações autoritárias como o “pacote de abril de 1977” em que o presidente Geisel instituiu os senadores biônicos e modificou a composição da Câmara dos Deputados para manter a maioria governista. De acordo com

---

<sup>6</sup> Cordeiro (2009) relata que Anos de Chumbo foi uma expressão usada para descrever a situação pela qual passavam alguns países nos anos 70. Afinal, o “chumbo” pode fazer referência tanto a algo pesado e difícil de suportar, como remeter às balas de revólver e metralhadoras. No Brasil o termo “anos de chumbo” descreve um período específico do regime militar.



Meneguello (1989), a ação governista foi uma resposta a vitória da oposição em 1976 e a crescente onda de mobilizações populares no período que antecedia às eleições gerais de 1978. Entretanto, mesmo diante do decreto, as eleições de 1978 mostraram um crescimento do partido da oposição, MDB, o qual venceu a ARENA, porém, o partido governista teve a maioria do senado, graças à figura do senador biônico. A autora realça que, na tentativa de aumentar os representantes da ARENA, os militares decidiram criar alguns estados, em alguns sem consultar a população (ARRUDA, 2019; QUEIROZ, 2007).

A partir das obras de Queiroz (2007) e Corrêa (2006), nota-se que o intuito da divisão foi político e beneficiaria os interesses das poderosas oligarquias agrárias, tanto sulistas quanto nortistas. Ao mesmo tempo, com mais essa nova unidade federativa, o governo acreditava que aumentaria o apoio no congresso (MENEGUELLO, 1989). Com a criação de Mato Grosso do Sul, no ano de 1978 foram eleitos os deputados que comporiam a primeira legislatura da Assembleia Legislativa. Baseado nos dados eleitorais oficiais, Silva (2019) aponta que foram eleitos 18 deputados estaduais, destes, 11 (61,11%) pertenciam à ARENA e 7 (38,89%) ao MDB. Além de conseguir a maioria da Assembleia, a ARENA elegeu quatro dos seis deputados federais e todas as vagas no senado destinadas ao estado.

Neste contexto cresceram os movimentos da oposição, o que contribuiu para a promulgação da emenda constitucional n.º 11, em 1978, que orientava a organização e o funcionamento dos partidos políticos<sup>7</sup>, pois segundo Motta: “o objetivo da emenda era evidente: o enfraquecimento da oposição com a sua pulverização em diversos partidos. Assim, tal medida contribuiu para a permanência do regime e o seu predomínio no cenário político” (Motta, 2008, p. 105).

Em 1979, o general João Figueiredo tomou posse como presidente do Brasil. Durante aquele ano, o governo derrubou o AI-5, promulgou a Lei n.º 6.683/79 (Lei de Anistia)<sup>8</sup>, bem como a Lei n.º 6.767/79 que introduziu modificações na Lei Orgânica dos Partidos Políticos (Lei n.º 5.682 de 27 de julho de 1971). Chegava ao fim o bipartidarismo impositivo e todas as organizações políticas deveriam utilizar o termo ‘partido’, como a ARENA que para Partido

---

<sup>7</sup> O funcionamento dos partidos políticos deveria atender às exigências: filiação ao partido de, pelo menos, 10% de representantes na Câmara dos deputados e no Senado Federal que tenham, como fundadores, assinado seus atos constitutivos; apoio, expresso em votos, de 5% do eleitorado, que haja votado na última eleição geral para a Câmara, distribuídos, pelo menos, por nove Estados, com o mínimo de 3% em cada um deles; atuação permanente dentro do programa aprovado pelo tribunal superior eleitoral, disciplina partidária; fiscalização financeira (BRASIL, 1978, Art. 152).

<sup>8</sup> Napolitano (2009) aponta que tal lei prescreveu a maioria dos crimes e delitos cometidos entre 1964 e 1979, seja por subversivos, seja pelos agentes de segurança. Os exilados políticos puderam retornar ao Brasil, porém, o governo não admitiu a hipótese de punir os torturados.

Democrático Social (PDS) e o MDB que se transformou em Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

Em tal dinâmica emerge o Partido dos Trabalhadores<sup>9</sup>, fundado oficialmente em 1980, e que se destaca no quadro partidário brasileiro, segundo Meneguello pois:

O PT configurou-se como uma novidade político institucional quanto à origem, organização e proposta. É um partido de origem externa, extraparlamentar, de caráter societário; apresenta uma proposta definida de inserção da classe trabalhadora no sistema político; sua estrutura interna fundamenta-se em núcleos de base, órgãos básicos de trabalho e integração partidária; seu funcionamento interno define-se pela intensa articulação entre os órgãos estabelecidos de forma hierárquica (Meneguello 1989, p. 36).

Tal novidade é realçada também pelos grupos originários que organizaram tal partido. As obras de Keck (1991) e Meneguello (1989), ressaltam que os grupos originários do PT foram: os sindicalistas, os militantes dos setores progressistas da igreja católica, intelectuais de esquerda, boa parte das organizações que haviam combatido a ditadura militar e alguns políticos progressistas, pois “o partido deixou claro que, apesar de afirmada a ideia de independência frente à classe política, o PT estava aberto aos políticos progressistas do MDB” (MENEGUELLO, 1989, p. 60). Embora pontuais, a presença destes foi importante pela experiência que já possuíam em eleições, na luta pela democracia, bem como em mandatos eleitorais, contribuindo com a organização partidária e, principalmente, na disputa das eleições de 1982.

De acordo com Barros (2022), reafirmando Meneguello (1989), no final dos anos 70 a esquerda progressista do PMDB tentou se juntar aos metalúrgicos do ABC visando a formação de um Partido Popular. No entanto, as divergências políticas e a disputa por espaços de poder, fizeram com que a ideia não prosperasse. A maioria continuou no PMDB e outros migraram para o PT. No caso de Mato Grosso do Sul, vale observar a migração de Antônio Carlos de Oliveira, já deputado, que foi o primeiro candidato petista ao governo do estado.

Essa novidade em forma de partido político se deu a partir da junção de diferentes grupos políticos organizados em uma proposta de esquerda com o intuito principal de reestabelecer a democracia e lutar pelo socialismo (AMARAL, 2008). Todavia, além da dimensão política, nos anos finais da década de 1970, os problemas sociais se acentuaram em todo o Brasil ocasionando o ressurgimento das lutas dos movimentos populares e sindicais e

---

<sup>9</sup> De acordo com Rocha (2021), no início do multipartidarismo, surgiram no Brasil novos partidos como o PDS, que copiou as estruturas da ARENA sendo o partido do governo; PMDB, sucessor do MDB; Partido Popular (PP), o qual se fundiu com o PMDB; Partido Democrático Trabalhista (PDT) liderado por Leonel Brizola; Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) o qual representava o grupo ligado a família de Getúlio Vargas, dentre outros.



vários desses grupos participaram na formação do partido (MENEGUELLO, 1989; KECK, 1991; RIBEIRO, 2004; SECCO, 2018). Desta forma, o PT representou uma novidade que indicava a emergência de novos atores na política brasileira e que, em muitos casos, esteve marcado protagonismo do novo sindicalismo e de setores ligados à igreja católica, como discutiremos a seguir.

## **O PARTIDO DOS TRABALHADORES E OS EXCLUÍDOS DA POLÍTICA BRASILEIRA: UMA POLÍTICA PARA TODOS?**

Como já mencionamos, dentre os grupos que se mobilizaram e se organizaram no interior do PT para reivindicar direitos historicamente negados e contribuir com a redemocratização do país, Secco (2018) destaca o novo sindicalismo<sup>10</sup> e enfatiza que a discussão sobre a criação do PT teve seu início em 1978 nos movimentos operários grevistas no ABCD paulista, liderados por Lula, que representavam os anseios da oposição e um descontentamento popular contra o regime militar e que “causaram desconforto no Estado que em várias situações, através da força, levaram à prisão alguns grevistas, dentre eles, Lula, o qual declarou que a organização da classe operária num partido era só questão de tempo” (Secco, 2018, p. 40).

Além de enfrentar as intervenções arbitrárias do Estado militar, tais sindicalistas lutavam pelos interesses dos trabalhadores e almejavam a redemocratização do país (KECK, 1991) e este se tornou o grupo hegemônico no partido, gerando o que Barros (2002) denominou de “República de São Bernardo” que “ao longo das jornadas grevistas de 1978-1980, se tornou o centro de peregrinação para a oposição à ditadura e, sobretudo, para a esquerda brasileira<sup>11</sup>” (Barros, 2022, p. 50).

As principais mobilizações para a formação do PT se deram a partir da atuação dos líderes sindicalistas das regiões Sul e Sudeste do país (MENEGUELLO, 1989), embora que, como aponta Secco (2018), é preciso considerar que a formação e participação partidária não

---

<sup>10</sup> Tais movimentos eram chamados de novo sindicalismo em razão de que, no contexto político da década de 1970, os sindicatos eram “burocratizados, com forte ligação com o Estado e com amplas possibilidades de intervenção do governo na vida sindical.” (BARROS, 2022, p. 40). O autor ainda salienta que tal modelo foi estabelecido por Vargas e, durante a ditadura, os militares controlavam de forma sistemática os sindicatos.

<sup>11</sup> Não foi apenas na formação do partido que os sindicalistas tiveram destaque. Ribeiro (2008) descreve que “de todos os setores do PT, os sindicalistas ligados às Secretarias Sindicais sempre tiveram privilégios na estrutura partidária. Inclusive, no regimento do partido de 1984 os núcleos sindicalistas tinham status de superioridade” (RIBEIRO, 2008, p. 161).

se deu apenas com os operários e/ou sindicalistas metalúrgicos, na base social de recrutamento político do partido haviam petroleiros, funcionários públicos, professores, bancários, pequenos proprietários e trabalhadores rurais sem-terra, além de empregados de indústrias e comércio. Logo, diante da participação e união de profissionais de várias áreas, o PT não nasceu para representar apenas os operários metalúrgicos, mas, de boa parte dos setores organizados dos trabalhadores brasileiros.

Com relação aos militantes das comunidades eclesiais de bases (CEBs), Barbosa (2007) aponta que durante a ditadura militar brasileira, sob a hegemonia dos setores progressistas, os católicos serviram de proteção aos perseguidos pelo regime, além de incentivar os movimentos sociais<sup>12</sup>. Através de suas ações sociais, as CEBs alcançavam amplos setores e lugares empobrecidos, através de ações como o clube de mães, ensino de catequese, movimento de bairro, pois segundo Barros:

As ações amenizavam o sofrimento daqueles que estavam à margem da sociedade nas periferias das cidades. A esquerda Católica foram um dos principais grupos de formação e sustentação do PT justamente por se envolver na prática com os vulneráveis, afinal, os sacerdotes leigos passaram a conviver no meio do povo procurando entender suas dificuldades e buscando sanar os problemas sociais (Barros, 2022, p. 10).

No mesmo sentido, Keck (1991) menciona que “as CEBs promoveram valores centrais como a autonomia e a auto-organização, cuja imagem prototípica era a “caminhada”, a longa marcha do povo de Deus em direção a uma sociedade mais justa e/ou ao reino de Deus” (KECK, 1991, p. 10). Sua atuação visava a promoção de uma sociedade mais justa e solidária. Assim, os católicos militantes de base levaram essa crença para o interior do PT, afinal, havia uma relação sinônima de objetivos entre o partido e as CEBs<sup>13</sup>.

Outro grupo que participou de forma ativa na formação do PT foram os exilados e/ou os que lutaram contra a ditadura militar e suas inúmeras organizações, pois como aponta Reis:

---

<sup>12</sup> Segundo Barboza: “As CEBs constituem-se numa experiência pastoral e questionadora das estruturas sociais, sua origem está vinculada à renovação promovida pelo Concílio Vaticano II e pelo Plano de Pastoral de Conjunto. Lançadas pela Igreja Católica no fim da década de 1950, em Natal, Rio Grande do Norte, tendo sofrido considerável impulso após a realização, na Colômbia, do II Encontro do Episcopado Latino-Americano, em 1968” (BARBOZA, 2017, p. 109).

<sup>13</sup> Inspirados por Leonardo Boff, Frei Betto e outros religiosos progressistas as CEBs, além do trabalho social, enquanto movimento popular tinha um enorme potencial político, tanto é que muitos líderes do partido vieram das comunidades ligadas à igreja católica, dentre estes: Gilberto de Carvalho, um dos principais assessores de Lula; Patrus Ananias, ex-governador de Minas Gerais; Marina Silva e Benedita da Silva, além de Chico Alencar, Olívio Dutra e Plínio de Arruda Sampaio, dentre inúmeros outros.

Tomaram parte na iniciativa grupos revolucionários trotskistas, entre os quais, e principalmente, a Convergência Socialista, além de grupos remanescentes de organizações que haviam participado da luta contra a ditadura militar: Ala Vermelha do Partido Comunista do Brasil/Ala-PC do B, Ação Libertadora Nacional/ALN, Ação Popular Marxista- Leninista/AP-ML, Partido Comunista Brasileiro Revolucionário/PCBR, Movimento de Emancipação do Proletariado/MEP, todos ingressaram nas articulações que deram origem ao PT (REIS, 2007, p. 2).

Percebe-se a diversidade dos grupos que sobreviveram ao combate à ditadura e a luta armada, o que impactava sua compreensão sobre a concepção e o papel de um partido bem como seu projeto político. Neste sentido, vale mencionar o caso da Convergência Socialista (CS), pois segundo Mariano:

Esta organização teve seu início em um grupo trotskista, com vários de seus militantes saídos da antiga organização conhecida como Liga Operária (...). Liderados por José Maria de Almeida, atuava nos dois setores mais combativos e dinâmicos que lutavam contra a ditadura civil-militar naquele momento e propunha a construção de um partido operário, que a princípio deveria ser um partido socialista de massa (Mariano, 2019, p. 95).

A Convergência Socialista não formou o partido socialista pretendido, mas foi uma das correntes de esquerda mais atuantes dentro do PT desde a fundação até sua expulsão do partido em 1992 em razão de conflitos internos e, em 1994, passou a integrar o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados (PSTU).

Por mais que os sindicalistas e os católicos progressistas sejam apontados como protagonistas no processo de formação e desenvolvimento do PT, Barros (2022) ressalta a importância de outros grupos também participaram da gênese partidária, como o movimento estudantil, os trabalhadores sem-terra e membros dos movimentos de reforma agrária, as mulheres, os militantes LGBTQIAPN+, o movimento negro e inúmeros outros que emergiram com o processo de democratização do país, assim como Santos (2010) que aborda a atuação do movimento estudantil, principalmente da USP, e Ferreira (2020) sobre o papel dos exilados políticos. Estes movimentos acabaram encontrando no partido um espaço e canal para sua atuação política e foram fundamentais na dinâmica inicial do PT, demonstrando que este foi produto da afluência de diversos atores organizados na sociedade, sendo que esta diversidade pode ser notada “nos núcleos de bases, nos grupos setoriais, nos cargos informais de suas executivas, nos quais estavam alguns dos reflexos dessa peculiaridade” (Ribeiro, 2008, p. 278).

Tal diversidade significou uma amplitude de concepções e contribuições, também conduziu a inúmeros embates e conflitos e se consolidaram, internamente, em agrupamentos

denominados de tendências, que apesar de existirem desde sua fundação foram regulamentadas ao longo dos anos e tiveram atuação destacada na formação dos diretórios (municipais, estaduais, nacional) e nas inúmeras ideias e propostas aprovadas nas resoluções dos encontros e congressos partidários<sup>14</sup> (SECCO, 2018).

Em suma, podemos apontar que o PT emerge aglutinando as pessoas que se identificavam com os setores excluídos da sociedade brasileira e com um programa político que defendia a mudança social, se organizando, pouco a pouco, por todo o território nacional. Neste sentido, como descreve Secco (2018), em cada estado e cidade brasileira a formação se deu de distintas formas, tanto em relação aos atores fundamentais como a dinâmica de organização partidária e isto procuraremos discutir no caso de Dourados, em que tal processo foi hegemonizado por setores organizados de trabalhadores e do movimento estudantil, conforme veremos a seguir.

## **A FORMAÇÃO E A DINÂMICA INICIAL DO PT EM DOURADOS (MS): ENTRE TRABALHADORES E ESTUDANTES**

Conforme mencionamos, no final da década de 70 foi criado o estado do Mato Grosso do Sul, coincidindo com a transição política e com o fim do bipartidarismo e a emergência de novos partidos no cenário político brasileiro, como o PT (SCHMITT, 2000; BRAGA, 2016). Este, além de se propor a defender os trabalhadores e lutar pela democracia, de forma específica no novo estado, procurou enfrentar o tradicionalismo político dos latifundiários e das oligarquias ou elites agrárias que pareciam se perpetuar no poder<sup>15</sup>.

Neste sentido, sobre a gênese do PT no estado, Souza (2019) e Marinho (2022) salientam que sua principal liderança, Zeca do PT, se envolveu diretamente com os movimentos sindical e estudantil, tornando-se um dos protagonistas na fundação do partido.

---

<sup>14</sup> Secco (2018) cita as principais tendências da trajetória do PT dividindo-as da seguinte forma: Tendências de Esquerda e seus principais líderes: Movimento por Uma Tendência Marxista (MTM) - Ronald Rocha e Artur Scavone; Força Socialista (FS) - Ivan Valente; Brasil Socialista (BS) - Bruno Maranhão; Causa Operária (CO) - Rui Costa Pimenta; Convergência Socialista (CS) - José Maria de Almeida. Tendências de Centro-Esquerda: Democracia Socialista (DS) - Raul Pont; Democracia Radical (DR) - José Genuíno; Vertente Socialista (VS) - Eduardo Jorge; Articulação de Esquerda (AE) - Valter Pomar. Tendências de Centro: Articulação - Lula e José Dirceu; Movimento PT - Arlindo Chinaglia e Maria do Rosário; PT de Luta e de Massas (PTLM) - Família Totto; Mensagem - Tarso Genro. Tendências de Direita: PT Vivo -Pedro Dallari.

<sup>15</sup> Desde o início do século XX, o comando político da região rezeza nas mãos de famílias tradicionais como Celestino, Martins Coelho, Alves Ribeiro Albuquerque, Rondon e Costa Lima, as quais continuaram no poder do Mato Grosso do Sul até, pelo menos, os anos 90 (BITTAR, 2009).

Como havia mencionado Keck (1991) e Meneguello (1989), também aqui podemos encontrar a incorporação de alguns políticos, como o então deputado federal Antônio Carlos de Oliveira, que se tornou membro da comissão nacional de formação e o primeiro candidato a governador do partido. Da mesma forma, como apontava Bittar (2009), no estado o PT foi formado por movimentos sociais, trabalhadores e lideranças estudantis, sendo que o seu início se deu em Campo Grande e depois se expandiu para o interior, inclusive em Dourados.

Para compreensão da dimensão político-institucional, é preciso apontar que através da Resolução Estadual n.º 658/1914, foi instituído o Distrito de Paz de Dourados, pertencente ao município de Ponta Porã, localizado na região sul do Mato Grosso, nas proximidades do Rio Dourados (ERNANDES, 2009). No início do século XX, tal região era pouco habitada e, diante das desavenças, os conflitos eram resolvidos com violência, principalmente, por aqueles que detinham o poder político e na política predominavam as elites agrárias (QUEIROZ, 2006; CORRÊA, 2006). Do mesmo modo, Ernandes (2009) aponta que: “em Dourados, o ‘estigma da barbárie’ era sustentado pelas representações de uma população armada e vingativa com elevado índice de criminalidade, contrabando, corrupção e voto de cabresto” (Ernandes 2009, p. 28). Nota-se que a política local era comandada por quem detinha o poder e a dominação através da violência e, em simultâneo, os que governavam o local, assim o faziam praticando corrupção.

No início dos anos 40, o governo federal criou a Colônia Agrícola Nacional de Dourados (CAND). Através do projeto varguista *Marcha para o Oeste*, a cidade passou a crescer em número de habitantes, sendo que milhares de famílias de migrantes foram assentadas em Dourados (SANTOS, 2016). Com a chegada dos colonos, o PTB apresentou um significativo crescimento, visto que, em gratidão a Vargas pela doação dos lotes, muitos passaram a votar no partido do presidente, mas, a política continuou sendo controlada pelos interesses das oligarquias ruralistas e de famílias tradicionais, as quais atuavam em partidos políticos, num contexto de corrupção, violência e voto de cabresto. Já no período democrático entre 1945 a 1964, por mais que o PTB, partido tido na ocasião como defensor dos trabalhadores, tenha governado a cidade em dois mandados, os acordos políticos evidenciaram que o poder estava sob os interesses pessoais de suas lideranças e das oligarquias agrárias (ALÉM, 2011; ARAKAKI, 2003).

A partir de 1964, com a instauração da ditadura cívico-militar, os militares passaram a reprimir aqueles que se colocavam como antagonistas ao novo sistema (FICO, 2003; CRUZ, 2010; REIS FILHO, 2005). Sobre as repressões nesta região, Arakaki (2015) aponta que “em

Dourados, as perseguições políticas estavam ligadas ao campo. Em 1964, dois vereadores do PTB foram cassados porque ajudavam invasores de terra, por isso, só podiam ser comunistas” (ARAKAKI, 2015, p. 50). A autora ressalta que, numa cidade marcada pela influência do campo, além dos colonos, alguns políticos ligados ao PTB, sindicalistas e simpatizantes do partido comunista, este que estava na clandestinidade, também foram presos (ARAKAKI, 2015).

Conforme menciona Keck (1991), se nas disputas eleitorais em âmbito nacional, a partir de 1974 houve um crescimento do MDB, isto não ocorreu em Dourados, pois a ARENA, partido governista, comandou a política local até o começo dos anos 80. Nesse contexto político-institucional, emergiu o PT de Dourados e se apresentou como um partido que luta pelos explorados contra um sistema econômico e políticos que beneficia uma minoria privilegiada. Para isso, teria que enfrentar o governo militar federal e os políticos tradicionais locais ligados às oligarquias ruralistas.

Além da dimensão política vale destacar que, no final dos 70 e começo dos 80, os problemas sociais se aprofundaram em todo o Brasil, como resultado do endividamento militar e da concentração de riquezas do milagre brasileiro, ocasionando o ressurgimento das lutas dos movimentos populares e sindicais (MENEGUELLO, 1989; KECK, 1991; RIBEIRO, 2004; SECCO, 2018). Em Dourados, podemos apontar que três movimentos influenciaram não apenas o enfrentamento ao sistema político, mas, principalmente, o desenvolvimento do PT local: o movimento estudantil, muito importante na formação do partido; as pastorais sociais da igreja católica, com intensa atuação a partir de 1985 e a associação dos professores, de onde emergiram suas principais lideranças políticas, como discutimos adiante.

Convém destacar a importância local dos militantes ligados aos setores progressistas da igreja católica, pois se âmbito nacional, como demonstram Secco (2018), Meneguello (1989) e Barboza (2007), tiveram uma participação relevante, tal papel também ocorre em Dourados, através da atuação em inúmeros eventos reivindicativos e movimentos sociais. Neste sentido, Barros (2022) já evidenciava o acolhimento a trabalhadores, sem tetos e mulheres nas periferias das cidades e também enaltece o apoio aos movimentos de reforma agrária. No caso local, Romani (2003) aponta que os problemas sociais estavam ligados, principalmente, à concentração de renda, predomínio do latifúndio, êxodo rural, desemprego e violência, nesse contexto, cresceu o papel da igreja católica através do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Comunidade Eclesiais de Bases (CEBs).



Com relação a tais instituições católicas, o autor relata que:

O objetivo das pastorais sociais é promover a evangelização para a construção de um mundo melhor no qual a pessoa pudesse viver com integridade todas as dimensões em que interage o ser humano. Especificamente, a Pastoral da Terra, propõe: integrar o homem do campo à sociedade para que se comunique com mais facilidade, ajudá-lo defender os seus direitos – a terra para trabalhar, bem como o acesso à justiça e sua aceitabilidade como cidadão; despertar e apoiar a união dos lavradores para que estes descubram e questionem a realidade em que vivem, lutam politicamente e construam com firmeza sua própria união (Romani, 2003, p. 47).

É possível destacar que um dos objetivos das pastorais era integrar o homem do campo à sociedade e garantir seus direitos, embora, para o autor, parte da comunidade católica de classe média, fazendeiros e empresários, não aceitavam que a igreja atuasse nos movimentos de luta pela terra, assim, tanto o CIMI quanto a CPT, sofreram resistência das paróquias, uma vez que a igreja não quis conflitos com seus fiéis, principalmente, os fazendeiros (ROMANI, 2003). Embora o trabalho social crítico de algumas pastorais se desenvolvesse mais em outros municípios da região (Naviraí, Ivinhema e Glória de Dourados), em Dourados o trabalho social junto aos movimentos de bairros era incipiente, embora já apontasse para sua radicalização<sup>16</sup>.

De todo modo, por mais que militantes católicos, sindicalistas e vários trabalhadores participaram da formação e organização do PT douradense, é possível destacar que o protagonismo foi desempenhado por militantes ligados à educação, estudantes e professores do ensino superior, que atuavam no Centro Universitário de Dourados (CEUD) ligado a Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e que, posteriormente, se transformou na Universidade Federal da Grande Dourados (LIMA, 2011). A partir deste, atuaram os dois grupos de suma importância para a origem e desenvolvimento: o movimento estudantil, através dos centros acadêmicos, e os líderes dos sindicatos dos professores.

Quanto à luta sindical dos docentes vale destacar que, já em 1978, no auditório do CEUD, foi fundada a Associação Douradense de Professores (ADP) formada por professores da então UEMT, posteriormente UFMS, e de profissionais da educação básica. Na ocasião, estavam presentes 104 professores, sendo que Wilson Biasotto, Laerte Tetila e Antônio Carlos Biffi foram eleitos, respectivamente, presidente, vice-presidente e secretário<sup>17</sup>. Segundo Tetila

---

<sup>16</sup> Segundo Mattos (2022), a partir de 1986, sob a influência do Pe. Adriano Van Den Vem, pessoas ligadas às pastorais indigenista, juventude e da CPT, se filiaram ao PT, inclusive, na eleição de 1988, o candidato a vice-prefeito do partido foi Hilário Paulus, missionário do CIMI.

<sup>17</sup> História do ADP, atual SINTED. Disponível em <http://www.simted.org.br/sobre-nos/historia>. Acesso em 23 de outubro de 2021.

(2022), os três líderes eram filiados e/ou simpatizantes do PMDB, inclusive, em 1982, apoiaram a candidatura do professor Sultam Rasslan (PMDB) para prefeito, entretanto, no final dos anos 80, migraram para o PT<sup>18</sup>, demonstrando como o processo de atração de políticos progressistas foi importante nos anos iniciais do partido, tanto nacional como localmente.

Se, no final dos anos 70, já haviam associações municipais de professores em várias cidades, com a posse de Harry Amorim Costa como primeiro governador do estado, tais associações foram impulsionadas com a necessidade de mobilização por melhores condições de trabalho, bem como lutar contra o arrocho salarial (RODRIGUES, 2014). Desta forma, a ADP e outras associações formaram, em 1979, a Federação dos Professores de Mato Grosso do Sul (FEPROSUL), que teve atuação relevante no período, mas que foi dividida com a criação da UFMS, no início dos anos 80 e o movimento dos professores do CEUD que passaram a integrar a Associação dos Docentes da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ADUFMS).

Diante da federalização, os estudantes do CEUD criaram o Diretório Acadêmico 5 de abril (DACA), ligado ao Diretório Central dos Estudantes (DCE) de Campo Grande, sede da UFMS e passaram a realizar um intercâmbio maior com seus pares. O então estudante, Gomercindo Rodrigues, apontou que:

Os alunos do curso de Agronomia tinham lutas maiores e sentiam que o DACA não os representava. Assim, em 1980, criaram o Centro Acadêmico de Agronomia de Dourados (CAAD) com o intuito de fortalecer o movimento estudantil, o qual teve como primeiro presidente, Carlos Eduardo Marques. Tão grande era a luta dos estudantes que entre 1978 a 1982 os alunos fizeram três greves em razão de melhorias para o curso, construção de laboratórios e para que o prefeito doasse as terras onde hoje está localizada a UFGD.

Neste sentido, o entrevistado aponta que participou do congresso de refundação da UNE (Salvador/BA - 1979), importante evento para a reorganização do movimento estudantil e das lutas pela redemocratização do país, assim como dos debates para a criação de um partido alternativo no país. Na ocasião, ouviu falar sobre a organização do Partido dos Trabalhadores e no ano seguinte, em uma reunião do DCE em Campo Grande, Gomercindo Rodrigues e Luiz Carlos Bonelli, discentes do curso de Agronomia, souberam através de Gilberto Siqueira e de Semy Ferraz que o PT estava sendo organizado na capital. Diante da novidade, eles

---

<sup>18</sup> TETILA, José Laerte Cecílio. *Entrevista*. Dourados, 21 de maio de 2022.

reuniram os amigos do movimento estudantil e passaram a planejar a formação partidária em Dourados (BONELLI, 2023)<sup>19</sup>.

Tais elementos reforçam os estudos de Bittar (2009) e Marinho (2022) que apontam que, após a fundação nacional, o partido foi organizado inicialmente em Campo Grande e, em seguida, os militantes da capital partiram para alguns municípios do interior para organizar o partido ou conquistar novos filiados. Assim, segundo Rodrigues (2023), ao saberem que em Dourados havia um grupo de universitários interessados pela formação do PT, estes foram procurados para iniciarem o processo de formação partidária e liderados por Irineu Werner iniciaram as filiações pelos estudantes dos cursos existentes no CEUD. Neste sentido, se destacam as filiações de Gonçalo Padilha e Amorim, Gomercindo Clóvis Garcia Rodrigues e Aparecido Pereira da Silva, conhecido como “Cidão” que se tornou o presidente provisório do PT de Dourados<sup>20</sup>.

Após a filiação dos estudantes, se desenvolveu o processo de filiação de alguns professores, Segundo Bonelli (2023), a procura de novos filiados entre diferentes trabalhadores e estudantes, não foi uma tarefa fácil. Entre os poucos discentes que se envolviam com a política, alguns eram simpatizantes do PCB e do PMDB. Já nos bairros, muitas pessoas diziam ter medo do PT, devido ao anticomunismo latente, e porque o PMDB era visto pela população como o partido de oposição à ditadura, enquanto o PT, uma tentativa de implantação do comunismo<sup>21</sup>.

Mesmo em meio às inúmeras dificuldades, foi alcançado o número necessário de filiados, como está registrado na Ata n.º 1 do PT local, no dia 9 de junho de 1981, registrada no Cartório Eleitoral indicando a convocação dos 244 filiados aptos a votarem na primeira convenção municipal<sup>22</sup>, nas dependências da Associação Comercial e Industrial que contou com a presença de 77 filiados que aprovaram o manifesto, o programa, o estatuto e elegeram o primeiro diretório municipal. Na ocasião, Aparecido Pereira da Silva foi oficialmente eleito como primeiro presidente do PT de Dourados e a diretoria foi composta por Gonçalo Padilha como tesoureiro, José Alves de Oliveira como secretário, além de outros cinco membros

---

<sup>19</sup> BONELLI, Luiz Carlos. Entrevista. Dourados, 4 de fevereiro de 2023.

<sup>20</sup> RODRIGUES, Gomercindo Clovis Garcia. *Entrevista*. Dourados, 2 de fevereiro de 2023.

<sup>21</sup> BONELLI, Luiz Carlos. *Entrevista*. Dourados, 4 de fevereiro de 2023.

<sup>22</sup> Ata n.º 1 do PT de Dourados descrita no livro de Convenções Oficiais para a justiça eleitoral, o qual foi aberto em 16 de junho de 1981 a assinado pelo Juiz de Direito Aleixo Paraguassu Netto. Tal livro encontra-se nos arquivos do partido, os quais estão guardados em uma residência na Rua Camboriú, 85 -BNH 3.º plano, sob os cuidados do filiado Luciano Fernandes de Oliveira.

titulares: Domingas Rosa da Silva, Odila de Almeida, Jairo Hélio Ferreira, Joaquim Aleixo de Sales Filho e Samuel Benites<sup>23</sup>.

É consenso na literatura nacional que aborda o PT, em especial nos trabalhos de Meneguello (1989) e Keck (1991), a diversidade de grupos que juntos formaram o partido. Contudo, diferente do cenário nacional, os entrevistados que participaram da formação do partido em Dourados, Rodrigues (2023), Costa (2022), Bonelli (2023) e Souza (2022), destacam que, no contexto local, o movimento estudantil e de professores foi predominante, em detrimento dos sindicalistas, militantes da igreja católica, políticos profissionais e exilados e ex-combatentes da ditadura nas organizações de esquerda que, embora estiveram presentes em maior ou menor medida, não adquiriram o protagonismo de outras cidades, estados ou do país.

Além das entrevistas, não encontramos no arquivo partidário, documentos que mostrassem uma intensa participação de pessoas ligadas a tais instituições e/ou movimentos, entre 1980 a 1982, embora não possamos descartar sua presença minoritária neste momento. Sendo assim, evidenciamos os principais líderes que organizaram o partido, mas isso não diminui a importância dos 244 filiados registrados na data da primeira convenção, principalmente, pelo fato do PT ser sido formado como um partido de massas da classe trabalhadora e dos excluídos pelo sistema político tradicional (MENEGUELLO, 1989).

Ainda sobre os militantes católicos é importante assinalar que, segundo Bonelli (2023), por mais que ele e alguns jovens estudantes fossem ligados à pastoral da juventude, não haviam conversas sobre política nas reuniões da igreja, visto que a igreja local era conservadora e somente em anos posteriores que se abriu as ideias da teologia da libertação, mesmo que de maneira incipiente. Já em relação aos líderes sindicais, Santos (2023) relata que, somente a partir de 1985, lideranças sindicais representativas ligadas, principalmente, ao sindicato dos bancários<sup>24</sup> e dos professores ligados a FEPROSUL, atual Federação dos Trabalhadores em Educação de Mato Grosso do Sul (FETEMS) adentraram de forma significativa em suas fileiras.

---

<sup>23</sup> Aparecido Pereira da Silva, era solteiro, estudante de Agronomia. Na eleição de 1982 foi candidato a deputado estadual e recebeu 230 votos. Deixou a cidade de Dourados em 1983, após terminar a graduação. Segundo a Ata da eleição, todos os membros da diretoria eram solteiros. Além disso, Gonçalo Padilha desenhista estudante; José Alves de Oliveira, escriturário; Domingas Rosa da Silva, empregada doméstica; Odila Almeida, auxiliar de escritório; Jairo Hélio e Joaquim Filho eram comerciantes; Samuel Benites, auxiliar de enfermagem.

<sup>24</sup> Em 1987, o sindicato dos bancários filia à CUT, desde então, muitos líderes se filiaram ao PT, dentre eles o próprio João Grandão. SANTOS, João Batista. Entrevista. Dourados, 8 de fevereiro de 2023.

Em suma, a partir da análise dos documentos, atas e entrevistas, podemos afirmar, com muita segurança, que a liderança na formação do PT se deu principalmente com o movimento estudantil de alunos do antigo CEUD, que contaram com a ajuda dos companheiros de Campo Grande e atuaram de forma decisiva na sua formação divulgando o partido nos bairros e filiando diversos trabalhadores, comerciantes, donas de casa e profissionais liberais.

Neste sentido, Souza (2022) aponta que, no início de 1982, recebeu em seu escritório seus ex-alunos do curso de Agronomia, Gomercindo e Aparecido que o convidaram para se filiar ao partido e se tornar o primeiro candidato a prefeito do partido na cidade, em 1982, pois:

O partido não tinha dinheiro, sendo que a maioria era formada por trabalhadores “simples”. Logo, cedi uma de minhas funcionárias para ser secretária do partido, pagava a conta do telefone e cedi uma sala do meu escritório para as reuniões. Nestas, era explicado o que era o partido e através do convencimento conquistávamos novos filiados que tinham as fichas preenchidas. Assim, o partido crescia<sup>25</sup> (Souza, 2022).

Deste modo, em setembro de 1982, alguns membros da direção estadual vieram a Dourados com a missão de ajudar a organizar a escolha dos candidatos locais e reuniram-se com o diretório municipal que aprovou a candidatura de José Joaquim de Souza à prefeitura e 13 candidatos a vereadores<sup>26</sup>.

Sobre a campanha de 1982, Meneguello (1989) aponta que o PT introduziu importantes inovações como a constituição de um comitê eleitoral unificado, que distribuía de forma equitativa os recursos para os candidatos, o que, no entanto, não impediu que tal campanha, em todo país, fosse realizada com poucos recursos financeiros, incidindo sobre o número de eleitos. No caso local, podemos apontar que a campanha foi feita apenas com doações dos filiados e simpatizantes, que confeccionavam cartazes com letras recortadas de jornais os quais eram colados nos muros e postes e que, apesar disto, as dificuldades financeiras não tiraram a disposição dos candidatos<sup>27</sup>.

Os trabalhos de Alves (1984) e Kinzo (1988) consideram as eleições de 1982 como uma das mais importantes da história do Brasil, baseados no fato de que o eleitor deveria escolher

---

<sup>25</sup> SOUZA, José Joaquim. *Entrevista*. Dourados, 18 de maio de 2022.

<sup>26</sup> José Joaquim de Souza, engenheiro agrônomo, chegou a Dourados em 1976 para trabalhar na empresa Rural Plan. Entretanto, nos anos de 1978 a 1980, foi contratado como professor substituto do curso de Agronomia do CEUD. Se filiou ao PT a convite de seus ex-alunos Aparecido e Gomercindo. Sua única disputa eleitoral foi à prefeitura de Dourados em 1982. Ainda é filiado ao PT, porém, não tem participação nem ao menos nas reuniões.

<sup>27</sup> SOUZA, José Joaquim. *Entrevista*. Dourados, 18 de maio de 2022. Um dos panfletos utilizados na campanha está dentro da caixa n.º 73 do Centro de Documentação Regional.

candidatos em seis cargos e consolidava o processo de redemocratização do país e afirmação do multipartidarismo. Assim, com o fim do bipartidarismo, surgiram novos partidos políticos que estrearam nas urnas, dentre estes, o Partido dos Trabalhadores (SCHIMITT, 2000; ZAVARIZE, 1987; OLIVEIRA SOARES, 2016).

Mesmo diante de novos partidos, os resultados eleitorais mantiveram, em grande medida, a lógica bipartidária e, como aponta Lima Júnior (1993), o PDS e o PMDB, herdeiros respectivos da ARENA e do MDB, conquistaram mais de 90% das vagas em disputas. Meneguello (1989) e Barreto (2009) ressaltam que as eleições municipais deveriam ter ocorrido em 1980 e que o governo militar adiou tal eleição para que esta ocorresse de forma conjunta aos demais cargos em 1982, justamente porque o PDS, ex-ARENA, era o partido mais forte nos menores municípios do Brasil. Através do voto vinculado e das várias regras impostas pelo regime, o partido governista teria vantagens em eleger seus membros nos demais cargos, como ocorreu em Dourados com a vitória de Luiz Antônio A. Gonçalves (PDS).

De todo modo, o desempenho nacional do PT não foi o esperado por suas lideranças e, no caso de Dourados, embora o desempenho eleitoral esperado também não tenha ocorrido, o resultado contribuiu para a afirmação do partido e a compreensão de que um longo caminho organizativo o esperava até o êxito eleitoral na cidade, afinal, o candidato a prefeito do PT, José Joaquim, conquistou 178 votos, enquanto o candidato a vereador mais votado pelo partido, Sebastião Dias Gonçalves, obteve 25, resultados que indicaram que o partido teve menos votos do que o número de filiados. Como também apontam Reis (2007), Bezerra (2017) e Meneguello (1989), naquele pleito, como o partido se apresentou com um perfil ideológico radical com o intuito de defender os anseios da classe trabalhadora, era pouco conhecido do eleitorado, possuía poucos recursos financeiros, dificilmente o desempenho poderia ter sido outro, evidenciando as limitações de tal discurso e prática, e o partido precisaria se reinventar se desejasse melhores resultados eleitorais, tanto em termos organizativos como eleitorais.

No primeiro encontro com as urnas no âmbito local destacamos a dedicação e o altruísmo dos estudantes universitários e dos demais filiados do partido, porém, isto não foi e não seria suficiente para sua afirmação eleitoral. O Pleito, abre-se uma nova etapa organizativa do partido em Dourados, com a ampliação de filiações e uma melhor preparação para as disputas eleitorais, além do ingresso e afirmação de novas lideranças políticas que com uma estratégia mais adequada aos embates eleitorais, novas propostas e maior contato e



atuação eleitoral, irão começar a ter um melhor desempenho, elegendo vereadores e, no final da década de 90, alcançado a prefeitura da segunda maior cidade do estado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou analisar o processo de formação e o desenvolvimento inicial do PT em Dourados, segunda maior cidade do estado, entre 1979-1982 e realizar uma análise comparativa com a dinâmica nacional. Para tanto, procurou discutir tal processo no contexto do fim da ditadura militar e da transição política brasileira, com a emergência do multipartidarismo e a novidade que representou a criação do PT no quadro político-partidário brasileiro, tanto em termos de concepção, projeto e organização.

Em seguida, analisamos, a partir da ampla literatura sobre os anos iniciais do partido e sua trajetória, a formação do PT a partir da análise dos grupos constituintes originários em que se destacaram: sindicalistas, militantes progressistas católicos, intelectuais, políticos progressistas e militantes de organizações que haviam combatido a ditadura militar. Desta forma, constatamos que o partido representou uma convergência frutífera de tais setores e a emergência de novos personagens na política brasileira.

Por fim, procuramos relacionar os elementos acima a formação e desenvolvimento inicial do PT em Dourados até o primeiro embate eleitoral. Neste sentido, demonstramos que, embora similar a dinâmica nacional, o desenvolvimento local apresenta uma importante especificidade pois, embora mantenha a diversidade de grupos originários, a condução de tal processo na cidade por meio do movimento estudantil, liderado por acadêmicos do curso de Agronomia do CEUD e, posteriormente, a inclusão de professores. A partir da atuação deste grupo, aliado a lideranças do PT estadual, houve a divulgação do partido nos bairros que levaram a filiação de novos membros e a organização local do partido.

Desta forma, na formação do PT em Dourados não houve a presença significativa, pelo menos neste momento inicial, de sindicalistas, católicos progressistas, políticos e organizações de esquerda, que somente emergiram na segunda metade dos anos 80. Além disso, concluímos que a falta de experiência dos primeiros líderes, o contexto político local marcado pela atuação das oligarquias agrárias e de políticos tradicionais ligados ao governo militar e a fragilidade do movimento social local dificultaram a organização e o desenvolvimento inicial do PT, o que vai se refletir no seu primeiro desempenho eleitoral.

Em relação ao pleito eleitoral de 1982, diante do contexto e resultados, fica evidente que o sistema eleitoral vigente, o discurso classista ou marcadamente ideológico, a falta de recursos e de experiência política contribuíram para que, em todo o Brasil, o PT recebesse poucos votos, o que também ocorreu em Dourados, apontando a necessidade de revisão da organização e estratégias adotadas, bem como a ampliação de seus membros e uma maior conexão com os setores populares locais.

Sendo assim, podemos considerar que, no primeiro encontro com as urnas, a dedicação e o altruísmo dos estudantes universitários e dos trabalhadores que disputaram a eleição pelo PT não foram suficientes. Era preciso mais experiência, lideranças com maior reconhecimento público, propostas atrativas e viáveis e uma maior interação com o eleitorado. Apesar disto, os líderes partidários que organizaram o partido em seus dois primeiros anos de atuação plantaram a semente de que o PT poderia ser o partido representante da classe trabalhadora e de setores excluídos da política brasileira capaz de enfrentar as oligarquias agrárias e tradicionais e alcançar o governo local, como ocorreu no final da década seguinte com a eleição de Laerte Tetila como prefeito, conduzindo o partido a novos dilemas e desafios.

## REFERÊNCIAS

ALÉM, Fernando de Castro. **O Jornal O Progresso e a dinâmica política e eleitoral em Dourados (1954, 1958 e 1962)**. Dourados: UFGD, 2011.

AMARAL, Osvaldo E do. O que sabemos sobre a organização dos partidos políticos: uma avaliação de 100 anos de literatura. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.7, n. 2, p.11-32, maio-ago, 2013.

\_\_\_\_\_. **As transformações na organização interna do Partido dos Trabalhadores entre 1995 e 2009**. São Paulo: Alameda, 2013.

ARAKAKI, Suzana. Notas sobre a ditadura militar no Sul de Mato Grosso: ação, reação e repressão. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 8, n. 15, 2014.

ARRUDA, Larissa R. V. **Disputas Oligárquicas: as práticas políticas das elites mato-grossenses**. São Carlos: Edufscar/ Fapesp, 2015.

BARBOSA, Fabiane Machado. **Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica (1973-1989)**. Vitória: UFES, 2007.

BARROS, Celso Rocha de. **PT, uma história**/Celso Rocha de Barros. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BITTAR, Marisa. **Mato Grosso do Sul: a construção de um estado. Regionalismo e divisionismo no Sul de Mato Grosso**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2009.

BRAGA, Maria do Socorro Sousa. Eleições e democracia no Brasil: a caminho de partidos e sistema partidário institucionalizados. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 4, p. 43-73, 2010.

CASTRO, Celso et al. **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CHAGAS, Wagner Cordeiro, 1984 – **Uma história política de Mato Grosso do Sul (1977-2022)**. Dourados (MS): Seriema, 2022.

CORREIA, Valmir Batista. **Coronéis e Bandidos em Mato Grosso. (1889-1943)**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2006.

CRUZ, Tamara Paola dos Santos. **As escolas de samba sob vigilância e censura na ditadura militar: memórias e esquecimentos**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2010.

DA SILVA, Antonio Ozaí. Nem reforma, nem revolução: a estrela é branca. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 114, p. 174-188, 2010.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A construção da identidade douradense: (1920 a 1990)**. Dourados: UFGD, 2009.

FANAIA, João E. A. **Elites e práticas políticas em Mato Grosso na Primeira República (1889-1930)**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2010.

FAUSTO, Bóris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FICO, Carlos. Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar. **Revista Brasileira de História**, v. 24, p. 29-60, 2004.

FLEISCHER, David V. O pluripartidarismo no Brasil-dimensões sócios-econômicas e regionais do recrutamento legislativo. **Revista de Ciência Política**, v. 24, n. 1, p. 49-75, 1981.

GADOTTI, M. e PEREIRA, O. **Pra que PT: origem, projeto e consolidação do Partido dos Trabalhadores**. São Paulo: Cortez, 1989.

GENTILLI, Victor. O jornalismo brasileiro do AI-5 à distensão: “milagre econômico”, repressão e censura. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 1, n. 2, p. 87-99, 2004.

GOHN, Maria da Glória. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 1, p. 11-40, 2000.

GOUVÊIA, Gualberto Luiz Nunes et al. **Esperança e Decepção: sindicalismo, partido dos trabalhadores e igreja católica no ABC paulista (1978-2002)**, 2006.

HILÁRIO, Janaina Carla. A experiência do Partido dos Trabalhadores em Londrina a partir da cultura política. **Revista de História Regional**, 2010.

KECK, Margaret E. **PT- a lógica da diferença: o Partido dos Trabalhadores na construção da democracia brasileira**. São Paulo: Ática, 1991.

LAMOUNIER, Bolívar; MENEGUELLO, Rachel. **Partidos políticos e consolidação democrática: o caso brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Paulo Gomes. Reestruturação e Expansão da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) REUNI–UFGD. **Educação e Fronteiras**, v. 1, n. 1, p. 110-137, 2011.

MARINHO, Marcelo. **Zé Orcírio**/Marcelo Marinho. Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

MENEGOZZO, C. H. M. **Partido dos Trabalhadores: bibliografia comentada (1978-2002)**. São Paulo: FPA, 2013.

\_\_\_\_\_. Partido dos Trabalhadores: bibliografia comentada, livros (1997- 1999). **Revista Perseu: História, Memória e Política**, São Paulo, v. 3, n. 4, p. 193-194, 2004.

MENEGOZZO, Carlos Henrique Metidieri; MACIEL, Aline Fernanda; DA SILVA, Patrícia Rodrigues. Partido dos Trabalhadores: bibliografia comentada, livros (2001-2002). **Revista Perseu: História, Memória e Política**, São Paulo, n. 06, p. 225-255, 2011.

MENEGUELLO, Rachel. PT: **A formação de um partido, 1979-1982**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. AMARAL, Osvaldo E. de. Ainda novidade: uma revisão das transformações do Partido dos Trabalhadores no Brasil. Brazilian Studies Programme, University of Oxford, Occasional Paper 02-08.

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro:1964-1985**. São Paulo: Atual, 1998.

PANEBIANCO, Angelo. **Modelos de partido: organização e poder nos partidos políticos**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT). Estatuto. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2017.

QUEIROZ, Paulo Roberto Cimó. Mato Grosso/Mato Grosso do Sul: divisionismo e identidades (um breve ensaio). **Diálogos**, v. 10, n. 2, p. 149-184, 2006.

REIS FILHO, Daniel Aarão. **Ditadura militar, esquerda e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

RIBEIRO, Pedro José Floriano. **Dos sindicatos ao governo: a organização nacional do PT de 1980 a 2005**. São Carlos: UFSCar, 2008.

RIDENTI, Marcelo Siqueira. Censura e ditadura no Brasil, do golpe à transição democrática, 1964-1988. **Revista Concinnitas**, v. 2, n. 33, p. 86-100, 2018.

ROMANI, Giovani Luiz. **Igreja e Pastorais Sociais: A comissão pastoral da terra e o Conselho Indigenista missionário na diocese de Dourados: (1971 a 2000)**. Dourados: UFGD, 2003.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-80)**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SANTOS, Claudete Soares de Andrade. **Os colonos e a Igreja católica no contexto da Colônia Agrícola Nacional de Dourados: (1940 a 1970)**. Dourados: UFGD, 2016.

SANTOS, Jordana de Souza. **A atuação das tendências políticas no movimento estudantil da Universidade de São Paulo (USP) no contexto da ditadura militar dos anos 70**. Marília: Unesp, 2010.

SCHMITT, Rogério. **Partidos políticos no Brasil, 1945-2000**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

SECCO, Lincoln. **História do PT/Lincoln Secco**. Cotia: Ateliê Editorial, 2018.

SILVA SCHARF, Jaqueline. **Organizações de esquerda no Brasil durante a ditadura militar**. Rio de Janeiro: Câmara Brasileira de Jovens Escritores, 2013.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Fernando dos Anjos. **Conflitos armados, encontros e combates nas fronteiras do sul de Mato Grosso, nas décadas iniciais do século XX**. Dourados: UFGD, 2018.

SOUZA, Suellen Cerqueira Anunciação de. **Interrompendo a programação: espetacularização no horário gratuito de propaganda eleitoral dos candidatos à governador nas eleições em Mato Grosso do Sul (1998)**. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2019.

VIANA, Nildo. **O que são partidos políticos**. Goiânia: Germinal, 2003.

### Fontes Orais (Entrevistas)

BONELLI, Luis Carlos. *Entrevista*. Dourados, 9 de fevereiro de 2023.

COSTA, Damarci Olivi. *Entrevista*. Dourados, 15 de maio de 2022

FARIAS, Alcides. *Entrevista*. Campo Grande, 8 de fevereiro de 2023.

RODRIGUES, Gomercindo Clovis G. *Entrevista*. Dourados, 7 de fevereiro de 2023.

SOUZA, José Joaquim. *Entrevista*. Dourados, 18 de maio de 2022.

TETILA, José Laerte Cecílio. *Entrevista*. Dourados, 21 de maio de 2022.